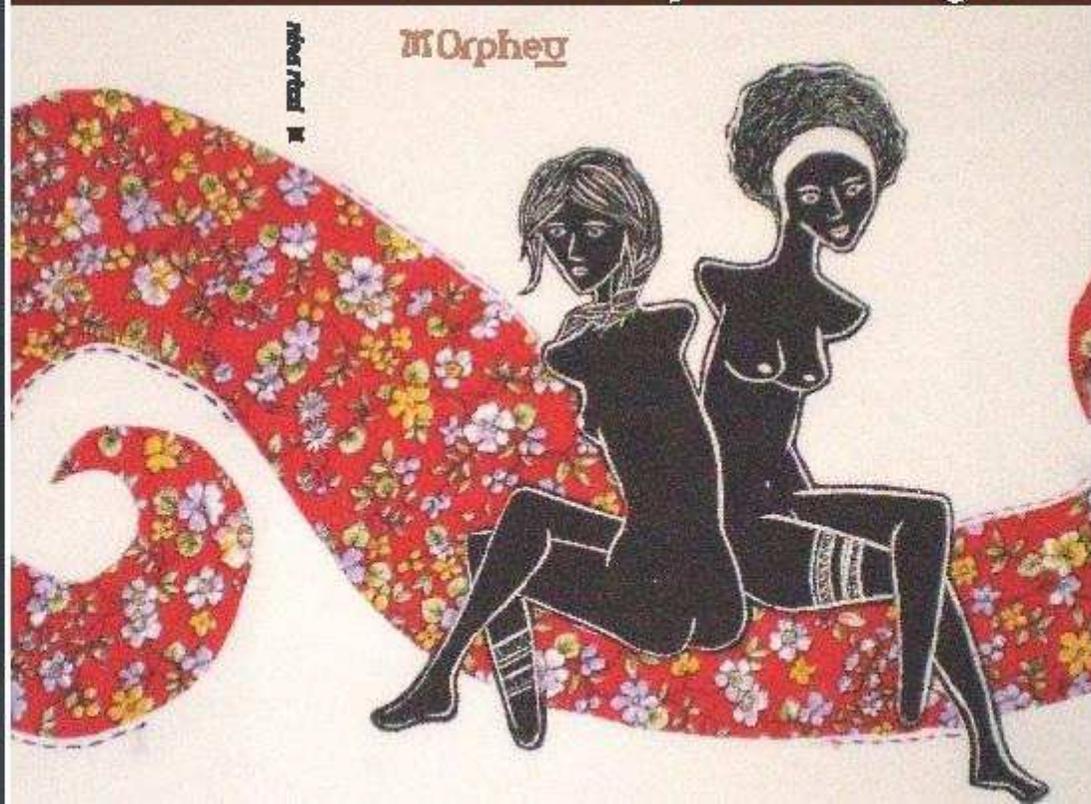


**kabuki**

com a força de um hímene  
os pés apertados de gueixa

me recolho  
lanço

bênçãos e espadas.



#### POESIA PELOS POROS

A poesia é a voz estremeçada da memória. Arranjo floral sobre a mesa. Abraço silencioso no ar. Perplexidade diante do espetáculo cotidiano das estrelas. Um escoadouro de significados onde cada poeta vai aportando oceanos e planejando mergulhos.

Nina Rizzi cumpre seus ritos tatuando versos na pele dos sentidos, intercalando leituras e gozos numa ceia de volúpias, na sóbria loucura que fixa suas vertentes no espelho. Versos que, sobretudo, remetem ao limbo o extremo sentido da carne.

Nina trabalha a intertextualidade com a certeza que a poesia se completa no olhar do outro, no espanto do outro. Também redime suas ilhas de silêncio numa poesia densa que acolhe o espetáculo suicida de toda certeza.

Neste livro ela expõe sua nudez e seu desaguadouro de certezas conjugadas.

Lau Siqueira

*tambores pra n'zinga*



*nina rizzi*

*tambores pra n'zinga*

 Orpheu  
poesias

**EDITORA MULTIFOCO**

Rio de Janeiro, 2012

**EDITORA MULTIFOCO**

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.

Av. Mem de Sá, 126, Lapa

Rio de Janeiro - RJ

CEP 20230-152

**EDIÇÃO** Anderson Fonseca

**IMAGEM DA CAPA** Sara Nina

**DIAGRAMAÇÃO** Guilherme Peres

**tambores pra n'zinga**

RIZZI, Nina

1ª Edição

Março de 2012

ISBN: 978-85-7961-776-8

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem  
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

# sumário

## quandos, 19

roteiro .....	21
chaos .....	22
kabuki .....	23
amores rizzíveis .....	24
acompanhamento pr'araim, em lugar de conto .....	25
caso apolínea, mesmo ellenía .....	26
demmens .....	27
um eu esfaimado .....	29
outro estudo pra o silêncio .....	30
lastro .....	31
tweenty seven inch nails .....	32
goiabada pra um livro de marianina .....	33
imaginário poético, elogio .....	34
a um poeta .....	35
metaplágio pra poetinha .....	36
ceciliana .....	37
um gato pra apollinaire .....	38
sutra pra allen ginsberg .....	39
artaudniana .....	40
ungarettiana .....	41
buendía .....	42
epigrama pra anna a .....	43
o aroma da vodca sobre a neve .....	44
manoelana .....	45
crepúsculo sobre o rio acarajú .....	46
ensaio pra transubstanciação .....	47
composição cor de wiskhi à zero hora .....	48
composição em azul pra dona mocinha .....	49
composição em cinza e verde .....	50

## tudos, 53

maracatu .....	55
jongo ojo-bo .....	56
tambores pra n'zinga .....	57
flauta pra n'zinga .....	58
modinha pra trompete em si bemol .....	59
bachiana em dois movimentos pra villa-lobos .....	60
pedrita numa nota .....	61
rhapsodie pour cécilien .....	62
fantasia pra jaci e cussaruim .....	63
balada pra lavínia não chorar .....	64
cantiga quase-impossível .....	65
pastoral em manhã chuvosa .....	66
pastoral em noite de bafo quente .....	67
outra cantiga de cego .....	68
happening .....	69
noturno .....	70
noturno da rua capitu .....	71
noturno da rua da glória .....	72
ária pra contralto em mi bemol .....	73
samba de mesa pra folclorista .....	74
rondé, noturno, galope .....	75
improviso pra separação .....	76
primeira cantata pra depois do nunca mais .....	77
outra cantata pra depois do nunca mais .....	78
cantata pra tanto banzo .....	79
barcarola .....	80
barcarola-goiabada .....	81
barcarola pra anti-homem .....	82
barcarola em dó bemol .....	83
a barcarola mais triste .....	84
barcarola-pontanegrense .....	85
tocatta .....	86
fuga .....	87
fuga pra maiakóvski .....	88
adágio, larghetto .....	89
súite pra cravo em lá maior .....	90
solo pra lira e mini-violino turco .....	91
pra o fim da melodia, orquestras reais .....	92

## quases, 95

auto-tempestade nº 1 .....	97
auto-tempestade nº 2 .....	98
a noite, invisível .....	99
da casa dos mortos .....	100
desnotícias .....	101
é impossível dormir com um silêncio desses .....	102
a saliva, o suspiro .....	103
tese xiii .....	104
tese xv .....	105
à beira da baía .....	106
estação .....	107
una scatola di sette o cinquanta sterline .....	108
segundo elogio para catherine day .....	109
rhythm and poetry ou bethoveeniana .....	110
dialo(n)go com o gato .....	111
titãzinho .....	114
descalça .....	115
das renascenças .....	116
constatação .....	117
epitáfio .....	118



*para*

*lavínia e cecília:*

*tudos*

*liliana carril e ana beatriz viegas*

*roberta silva e líria porto*

*silvana guimarães e mariza lourenço:*

*entretantos*



# NINA RIZZI

## UM CASO APOLÍNEA, MESMO ELLENÍA

Ao longo da história da literatura e das artes de um modo geral, poetas, escritores e artistas têm estabelecido, em diferentes períodos, correspondências entre linguagens. Com essa atitude, promovem uma nova realidade artística pela combinação de imagens pictóricas, olfativas, táteis, degustativas, sonoras e rítmicas. A explicação é simples: a recepção de imagens pelas percepções humanas, bem como a sua representação em arte, não é uma atividade exclusiva a uma ou a outra forma de expressão. Entretanto, apesar dos laços de proximidade entre as linguagens, é preciso considerar que cada expressão artística é portadora de singularidades. É nessa direção de análise que Charles Baudelaire (1821-1867), contrapondo-se às ideias de hegemonia de uma ou de outra forma de expressão, defendera a tese de que cada arte contém especificidades próprias, muito embora possa haver, em uma mesma realidade artística, “correspondências entre linguagens”. Tendo em vista que, na visão do poeta, “os perfumes, as cores e os sons se correspondem”.

Por outro lado, é, igualmente, pela linguagem que os sujeitos tornam os sentimentos, pensamentos e acontecimentos humanos comunicáveis. E assim exercem a condição de sujeitos portadores de historicidade. Especialmente por resolver, pela linguagem, segundo Walter Benjamin, a dicotomia existente entre universalidade e singularidade. Haja vista que em uma expressão humana encontram-se presentes, além da subjetividade individualizada, muitas outras “vozes”, cujos diálogos, para ganharem sentidos e abrirem perspectivas ao futuro, requerem um esforço de compreensão das múltiplas relações que estabelecem.

### tambores para n'zinga

É dentro desta perspectiva de orientação referencial que ponho-me, no aqui e agora, à apreciação da criação artística da poetisa, historiadora e atriz Nina Rizzi, mais especificamente do seu livro *Tambores pra N'Zinga*. Obra que inaugura, indistintamente, a sua estreia artística no cenário literário contemporâneo. Muito embora, a poetisa já venha expandindo a sua poesia em projetos literários coletivos, cujas interações poéticas, na internet, renderam-lhe a integração em duas antologias: *Dedo de moça* (Terracota Editora: 2009) e *Maria Clara: uniVersos femininos* (LivroPronto: 2010).

Porém, é em *Tambores pra N'Zinga* que Nina Rizzi se lança a um projeto individual e, simultaneamente, de memória coletiva que, sob diversos “quandos”, alcança-lhe as retinas. Seduzindo-a para um “tudos”, nos termos benjaminianos, “saturado de agoras” e, com essa atitude, à rememoração dos “quases” da história. No livro, a poetisa sugere correspondências entre linguagens que promovem uma experiência viva com as artes e, com o gesto, restaura a condição de sujeito de historicidade ao trazer, ao presente, uma multiplicidade de fragmentos, de ecos e ressonâncias de outros tempos, espaços e memórias, cujos antecedentes configuram-se “do mediterrâneo à África central, o novo mundo” (p. ?).

Provavelmente, à primeira impressão, os leitores e as leitoras sentir-se-ão tentados à fluidez e à liberdade com as quais a autora expande as sensações táteis inseparáveis à confecção do poema. Todavia, não é o corpo, do mesmo modo, ao artista, matéria de recepções sensitivas e representações artísticas?... Nesta direção de exame, uma das qualidades que se observa presente em *Tambores pra N'Zinga* condiz à representação da imagem da autora nos poemas. Representação que se configura desde o texto que confere título à obra aos poemas que compõem os capítulos. Sobretudo quando a remete a autodefinir-se “bucólica”, “melancólica”, “erótica”, “pornográfica” (p. ?) e, assim como a Rainha N'Zinga do Ndongo e de Matamba, do sudoeste da África, cujo livro homenageia e rememora, “senhora e soberana, deusa, cataclismo, umbigada” (p. ?).

Dessa maneira, a representação, ou invenção de si, relaciona-se ao projeto de composição de uma arte dinâmica que não comporta, exclusivamente, a palavra como matéria e ferramenta de linguagem, mas articula-se, igual-

nina rizzi

mente, à pintura, à música e, finalmente, à história. Para tanto, a autora, em sua elaboração, se vale de inúmeras referências de leitura, recepções artísticas e reflexões conceituais para se transfigurar, nos poemas, na condição simultânea de receptora e criadora de arte. E essa característica diz respeito ao caráter intertextual, metafórico e metalinguístico de sua criação.

Ao longo da composição, a poetisa propõe-nos diálogos com poetas, escritores, músicos, historiadores, assim como realiza um exercício reinterpretativo dos objetos de sua contemplação. Esses atributos podem ser apreciados em *A um poeta* (p. ?), onde a poetisa, por meio de imagens sinestésicas, dialoga com as próprias recepções de arte e, ao mesmo tempo, reflete paradigmas de criação; compondo uma nova pintura na imaginação dos que a lêem e, conseqüentemente, dos que a vêem:

eu vou te lendo e pouco a pouco  
meus olhos verdes, beijo lento, alcançam  
o azul das melancolias de picasso;

meu corpo renascentista, fremente, vai  
braillando, incendiando como um poema.

Ao propor-nos, em versos, uma nova entendida artística, a autora igualmente projeta-se na aquarela. Expande a imagem de sensualismo e erotismo pertinente aos corpos femininos visionados por grandes artistas da Renascença. Porém, não é só isso. Ao passo que inventa a si mesma, também reflete, metalinguisticamente, a noção de arte renascentista, segundo ideário de Leonardo da Vinci (1452-1519), para quem “a pintura constitui poesia muda e a poesia uma pintura cega”.

Além das relações construídas pela mediação poema-pintura, Nina Rizzi estabelece, no conjunto da obra, correspondências à linguagem musical. Ao sugerir-nos, em versos, a articulação, desfaz a noção de que a pintura constitui “poesia muda”. Tendo em vista que a voz da autora, nos poemas, além de notadamente pictórica, é essencialmente sonora, sinestésica, musical, envolvente. Nesse sentido, como quem “urra pelos cantos um gozo li-

## tambores para n'zinga

terário" e faz "um museu de tudo" (p. ?), Nina Rizzi propõe-nos a totalidade de nossas experiências sensíveis por meio de intertextualidades com obras, músicos e gêneros musicais, combinando as temáticas em desenvolvimento às especificidades das linguagens. Essas considerações podem ser apreciadas em *Modinha para trompete em si bemol* em que a autora, manejando conteúdos de significação, reverbera o estado emotivo do seu eu lírico em versos que relembram o compositor brasileiro Cartola: "à hora do banho / cartola me derrama / como quando corto cebolas" (p. ?).

A expressão e a entrega dos sentimentos são, concomitantemente, características de sua poética. Além de trazer à baila antigas formas musicais, dentre as quais se destacam "cantatas", "tocatas", "barcarolas", formas musicais da antiga cultura italiana, a poetisa alarga, em versos livres e melódicos, sinceros sentimentos em construções metafóricas que se ampliam em torno da imagética das águas. Essas reflexões podem ser visionadas na sequência de poemas que acompanha, nos enunciados, o nome "barcarola", originariamente poemas ou canções das águas do mar e do rio. Assim, por meio de barcarolas, a poesia de Nina distende a intensidade dos sentimentos; posto que: "é preciso me afogar de você / como se fosse morrer" (p. ?). Assim como "doído é / descalçar as nuvens" (p. ?). Todavia, ao passo que, nos poemas, o eu lírico afoga-se, também advoga a sua condição de navegante e descobridor do mundo: "vim ao mundo como os sargaços / - sem destino. e se me afogo, / é pra me aproximar de zila" (p. ?).

Nesse sentido, os valores que a poetisa expande nos textos demonstram uma visão de mundo ancorada nos princípios de universalidade comuns à essência humana e aos fenômenos nela existentes. Apontam a uma concepção de ser humano que, por sua natureza filosófica, racionalidade e inventividade, pertence ao mundo; haja vista que: "não é a terra: andam estrangeiros meus pés" (p. ?). Todavia, da mesma forma que, enquanto essência, o humano se apresenta, na obra, em uma visão totalizante, igualmente se particulariza em flechas, percepções de atmosferas e cotidianos intrínsecos às singularidades de vivências dos sujeitos. Essas elucidações podem ser visionadas em poemas que fazem alusões a ruas, esquinas, rios... cenários que trazem os ecos e as ressonâncias da particularidade. Como em *Crepúsculo sobre o rio Acaraú* em que

nina rizzi

a autora metaforiza os estados subjetivos às singularidades do espaço vivido: “há em meus olhos uma beleza tão triste: / tamanho o estio, até os carnaubais estão / assim, feito meu peito / árido, ardido” (p. ?).

Também as relações afetivas construídas na intimidade do cotidiano ressoam, pormenorizadas, na voz de Nina Rizzi. Em os versos de *Sutra para Allen Ginsberg*, dentre outros, a poetisa transforma os acontecimentos considerados prosaicos da vida privada em matéria de poesia; considerando que: “desde que mijamos e cagamos juntos / tudo me parece mais verdadeiro, menos afetado / - tudo poeticamente real” (p. ?).

Dessa maneira, o livro *Tambores pra N'Zinga* ultrapassa a condição de uma poética configurada na correspondência entre linguagens. Por meio daquilo que é universal e, simultaneamente, singular aos humanos, Nina Rizzi oferece voz às minorias, dá vida às microestruturas que envolvem o cotidiano fragmentado dos sujeitos. Isso tudo, no dizer da autora, pela “janela do coletivo” (p. ?) que, “sem desfiar entre os dedos as contas de um rosário”, parafraseando Benjamin, realiza uma história vista de baixo, cuja historicidade se configura no entrecruzamento passado, presente, futuro.

É assim que a autora revivifica a memória coletiva, especialmente no capítulo *Quases*, de um passado silenciosa e dolorosamente experienciado. Projeta o seu olhar não sobre os feitos heróicos arquitetados pela história oficial, mas sobre aqueles que estiveram à margem dos acontecimentos e que, por isso, constituíram a “indiferença”, “o peso morto da história” (p. ?). Essas elucidações podem ser examinadas em *A noite, invisível* em que a autora retrata, poeticamente, o outro lado da guerra, se aproximando dos sentimentos daqueles cuja “solidão de fora não é maior que a de dentro” (p. ?). Também em *A casa dos mortos*, a poetisa tenciona sentir, na própria pele, as dores vivenciadas pelos oprimidos, e acena às brutalidades cometidas pelas elites da guerra que, na batalha de Stalingrado, fizeram “soviets” confessar “o incometido”, e, igualmente, proibiram as mulheres “de mudar o hemisfério” (p. ?).

Ao trazer, ao aqui e agora, os horrores da guerra, fazendo ressoar as vozes silenciadas de homens, mulheres, crianças e idosos, enfim das gentes mutiladas pela história, Nina Rizzi configura, na obra, a consciência crítica do passado herdado e promove, simultaneamente, o entendimento do presente



## tambores para n'zinga

que aponta à reinvenção do futuro. Possibilita, assim, a adoção de uma postura reflexiva em face dos aspectos que envolvem as vidas dos sujeitos que, embora excluídos de tempos e espaços sociais, encontram-se sobreviventes em suas cotidianidades. Essas considerações podem ser apreciadas em À beira da baía em que a poetisa, por meio de situações aparentemente antagônicas, externaliza, a olho nu, a nobreza de suas reflexões e sensibilidades: “às margens do sena, no dezenove de junho / violinistas tocam estrelas pelos meus olvidos. / às margens do potengi, todos os dias, meninos de rua / me assoviam. à zero hora, putas me tocam também” (p. ?).

Assim, a consciência crítico-reflexiva da realidade circundante, bem como a resistência aos ditames do poder ideológico e materialmente instituído, cujas ressonâncias simbólicas operam *normoses* na sociedade, se expande no conjunto da obra. Sem, no entanto, perder de vista a doçura, o embalo terno e sincero no oferecimento do seu canto “pra lavínia não chorar” (p. ?) e “pra menino cansado e cinzento ser eterno” (p. ?). Igualmente, pelo alargamento dos sentimentos e intensidade na entrega, pela correspondência entre linguagens, reflexão de conceitos e categorias pertinentes ao materialismo histórico-cultural, e pela evocação a palavras carregadas de sentidos e singularidades culturais, Nina Rizzi inaugura, pela multiplicidade polissêmica da poesia, um novo olhar sobre o mundo, cujos olhos “ateus” visionam restituir “paz, terra e pão” (p. ?) aos sujeitos históricos. Mesmo que, para isso acontecer, faça-se preciso, em versos, “morrer de amor, porre, guerrilha e poesia” (p. ?).

Isso “tudos” porque a razão é helênica, filosófica, dialética, mas o coração vibra, dança e combate em concordância com os tambores de uma guerreira africana. Muito embora as armas de sua luta se constituam “apolíneas”, representam tonalidades claras, rosadas e suavemente melancólicas, ou, no dizer da autora, “buendías”, que corporificam, em uma mesma expressão artística, um “exército de violetas” (p. ?).

Em lilases de fevereiro,

*Hercília Fernandes,*

Poetisa, Professora (UFCCG), Doutoranda em Educação (UFRN).





***quandos***





21

nina rizzi

## **roteiro**

a ave voa de dentro do poema, gargalhando, pra o meu ninho  
malemolente.

lentos, dentes. dilacera.





tambores para n'zinga

## chaos

de onde vim - belezas  
destroços, suam intensamente

tudo existe, dorme. até  
que doa o útero em desfio  
gozam a doer profundamente, verdade  
no rasgar das manhãs





23

nina rizzi

## **kabuki**

com a força de um hímeme  
os pés apertados de gueixa

me recolho  
lanço

bênçãos e espadas.





24

tambores para n'zinga

## amores rizzíveis

a gente não transou no papicu aquele dia.  
todos nos olhavam. perplexos

you só queria uma fotografia  
eu, poesia.





25

nina rizzi

## **acompanhamento pr'araim, em lugar de conto**

- você sabe, amor. lascívia a polpa, riso o chiaroscuro  
como a vida eterna e duas goladas de curaçau blue.





## tambores para n'zinga

**caso apolínea, mesmo ellenía**

sonharíamos coisas lindas.  
e quando acordava o gosto era bem doce.

eu te cantaria mais lindo que dorival caymmi morto em pessoa.  
mais poético que os calcanhares da adriana no porto.

contava carneirinhos e te mostrava o fogo.  
círculos ininterruptos. rodas. giram milhares de arrebóis.

eu até te bordava coisas assim. pra que nosso sono fosse  
acordado.  
grudado. e nada mais o fado.





nina rizzi

## demmens

you me pegava as m#os quando eu menos esperava. e eu nunca via mais que um dostoi#evski em teus l#bios. teus e n#o seus.

o que diziam nossas veredas bifurcadas? uma senda entre teus nimbos-nimbos e meus cirros. branco, breu. caminh#vamos, ladoalado caminh#vamos e ria que eu poda cair. e eu ria que poda me segurar. e r#amos de quem nos chorava o medo.

eu poda te ver chegar. voc# dizia uma saudade e seus bra#os cruzados outra coisa, que eu n#o poda entender. seus l#bios, seus e n#o teus, s#o cerrados pra o que n#o # contradi##o.

eu chorava. eu acordava com a media luz e chorava a sua sinceridade, n#o querer e querer # sempre a mesma coisa. eu chorava o seu gozo em minha l#ngua, os desenhos das tuas m#os que tanto falavam de mim, um brinco perdido, meus cabelos emaranhados no edredom.



## tambores para n'zinga

aí você queria me ver nas esquinas dos mais largos  
bulevares, que seria um perigo eu me perder  
em teu buraco negro.  
e tomamos caldo. você verde  
eu de cebola. torradas. e eu não podia  
me embriagar do chileno e seco  
vinho que você fazia questão de me pagar. eu não  
me embriagava e te via partir no metrô, ônibus,  
vontade. nossos lábios lábios se tocavam quase  
-sem-querer. nossas mãos não queriam se  
desgrudar, mas não eram nossos os nossos  
corpos que não se queriam e eu te via  
partir e você não me via ficar.

e quando eu parti você me mandou  
girassóis mortos pr'eu me contentar e eu  
mijei sobre eles, pensando em tua namoradinha  
inglesa. e eu sou mediterrâneo-africana.  
depois, faminta da tua ausência e miséria, comi, tua  
lembrança, intratável.





29

nina rizzi

## **um eu esfaimado**

fica ali, existindo. como se fosse pegar o ônibus,  
como se fosse minha.





30

tambores para n'zinga

## **outro estudo pra o silêncio**

a perene lembrança do teu nome deságua, diáfana  
nas nascentes do meu rio mais comprido.





nina rizzi

## lastro

a poesia dizia que a gente não ia mais parar  
de se olhar. nunca mais, nunca mais.  
e eu não li mais nada. quiçá viouvi. amiúde

deixei de me derramar também. hoje,

eu dou umas risadinhas como as suas. umas  
risadinhas assim, meio de leve, de olhar buendía. de você  
peguei isso, assim, sem querer. você

me dá vontade de chorar.





tambores para n'zinga

## **twenty seven inch nails**

arranquei um naco do meu dedo  
enquanto pensava que ele podia subir as escadas, gritar

sangue junto à enorme unha encardida  
ardume

os dedos, círculos. meu riso de matilda.





33

nina rizzi

## **goiabada pra um livro de marianina**

os homens tocam, esquetejam.  
tocam

por que é um dia bom

elas, em ânsia de dizer,  
calam.

como o silêncio que tange o sino,  
panelas, ovários.





## imaginário poético, elogio

gosto de sentir o cheiro estranho dos homens à janela do coletivo. olhar  
as unhas dos pés, compridas dessa doença do tempo, mal-  
cumpridas. e até  
as encardidas, abandonadas. também coleciono fracassos.

como o sol que rompe os cúmulos, ardo à rebentação de poemas,  
a viagem próxima. ligações à uma da madrugada ou da tarde,  
tanto faz.  
de cheiros e unhas e poemas estou repleta, desperta. e de novo  
da mulher que me entrega um lenço azul, a cor mais azul de suas  
ternuras.





nina rizzi

## **a um poeta**

eu vou te lendo e pouco a pouco  
meus olhos verdes, beijo lento, alcançam  
o azul das melancolias de picasso;

meu corpo renascentista, fremente, vai  
braillando, incendiando como um poema.





36

tambores para n'zinga

## metaplágio pra poetinha

em tudo ao meu amor darei alento.  
durante a chama e cinza tanto esmero  
que ele, lento, trespassará meus arcos. espero.





nina rizzi

## ceciliana

escorre o óleo do mundo - lima  
de rícino, refino

mínima grama ou toda  
canteiro, fecundo

a poesia é de quem  
precisa, disse o carteiro

lhe ria, além a lama  
ternas de exílio e poda

te revisito, o mundo - olha  
entre as pernas.





tambores para n'zinga

## **um gato pra apollinaire**

caminha por entre os livros, agarrada aos gatos,  
a mulher cheia de razão.

quando acorda não me faz café:  
esgueira até o banheiro seus dedos de arranhar azulejos;  
se ama, se beija, se cospe  
antes e depois de mim

não está disposta a nos desperdiçar.





nina rizzi

## **sutra pra allen ginsberg**

desde que dividimos a mesma casa  
já não consigo me organizar ou mantê-la limpa  
- agora tenho um lar bem agridoce.

desde que dividimos a mesma cama  
tenho por companhia os paraísos mais desvariados  
e gosto de ser assim, voyer.

desde que mijamos e cagamos juntos  
tudo me parece mais verdadeiro, menos afetado  
- tudo poeticamente real.

desde que dividimos nossas vidinhas tão-vulgares  
eu sou um uivo.





## tambores para n'zinga

**artaudniana***pra amor camarada*

vou colar rascunhos dadaístas, antropófagos,  
pra compor ritmos com o corpo.

me embriagar da palavra, morder o poema a seco,  
a cru, em longas talagadas de afogamento,  
morte instantânea, bela e breve.

urrar pelos cantos dentro um gozo literário  
e fazer um museu de tudo.

que é só poesia que posso  
te ter inteiro.





41

nina rizzi

## **ungarettiana**

a minha desarmonia  
é quando ele não me toca:  
suplício o dois ou um.





42

tambores para n'zinga

## **buendía**

eric tinha uns olhos tristes. um colombiano  
outro iraniano. a mulher que mo tirou, os pôs.

assim me minto - c'os mesmos olhos.





43

nina rizzi

## **epigrama pra anna a.**

com ternura e fogo  
faço falar meus homens.

mas com que amargura e engodo  
faço calar suas mulheres?





44

tambores para n'zinga

## **o aroma da vodca sobre a neve**

os dois olhos de ellena  
giram luas luas e sóis,  
todo mundo quer cheirar.

ou chorar?





45

nina rizzi

## **manoelana**

transbordam em mim reminiscências:  
águas que me secam, redundâncias de me sentir.

se o ocaso está repleto de ciscos, reticências,  
serei eu mais que o completo vazio?

guardo meus olhos na sarjeta mais distante e suja.





46

tambores para n'zinga

## **crepúsculo sobre o rio acaraú**

há em meus olhos uma beleza tão triste:  
tamanho o estio, até os carnaubais estão  
assim, feito meu peito

árido, ardido.





nina rizzi

## **ensaio pra transubstanciação**

pra ela, à distância, digo  
fecha os olhos

ouvimos toda a poesia universal

detemo-nos nos mitos  
sou mandona, choro, gozo. triskle.

ela gosta

rimos. morremos.

e entro em águas, até senti-la quando.





tambores para n'zinga

## **composição cor de wiskhi à zero hora**

há dias em que ela se derrama sobre mim  
como se estivéssemos grudadas, uma sombra na água  
ou pedras nos rins.

talvez, penso, seja da vernissage, do coquetel, da poesia.

sempre desejo dias assim, em que ela, arteira  
se esparrama feito whisky por meus rins.





nina rizzi

## **composição em azul pra dona mocinha**

ela não terá a nudez das camélias  
os pés descalços dos filhos de ancestrais tribos.

um pelo encravado bastava pra lhe sentir a carne  
um cheiro diferente na voz, os rios vermelhos.

uma terceira canção, srta. dunn, do alto das nuvens,  
e já não estamos sós. enquanto me arde teu inverno  
brinco de alimentar os gatinhos e os cactos que murcharam.





50

tambores para n'zinga

## **composição em cinza e verde**

cobri o rosto em aço e folhas  
que engraçado:

borboleta, cadela, estrela, nunca mais  
- isso aqui é um maciço, minino.







***tudos***





55

nina rizzi

## **maracatu**

sou grande, todo o largo.  
imensa pra qualquer canto.

danço  
como setenta pombas-gira.

na bandeja,  
a cabeça de joão batista.





## tambores para n'zinga

**jongo ojo-bo**

o homem do posto tem um olhar que é só meu.  
um, dois, três esgueiros mais e, líquida  
a cerveja me escorre os lábios.

as noites de julho são mais quentes, trovejam,  
por que ele me olha e me quer.

lá, às quintas girando, junto do meu homem, da minha mulher  
daquele homem no posto, sou uma promessa  
de mim. rarefeita, julina. eles, mares, ilhas.

eu, ellena.

uso o vestido, o colar de contas, a rosa. encarnados.  
e não apareço. é outubro e eu danço pra mim.





nina rizzi

## tambores pra n'zinga

um projétil me alcança as retinas

sob o véu da lombra à razão  
sob os dedos da turba à cúpula

- bucólica. melancólica.  
- erótica. pornográfica.

uma lança me rasga o ventre

muito embora se me abram  
oráculos, pegadas, pedras, trilhos

sou a minha senhora e soberana,  
deusa, cataclismo, umbigada  
do mediterrâneo à áfrica central, o novo mundo

me entrego, sim: às suas lanças me rasgo  
às contrárias e o patriarcado, com seus dedos  
arranco dos meus ovários teus rosários

contas pra meus afoxés, tambores.





## tambores para n'zinga

**flauta pra n'zinga**

pr'essa nêga matamba paranoica não basta dizer:

- está tudo bem.
- eu não ligo.
- vamos seguir juntos.
- há um princípio político [...]

ai, amor, são necessárias rosas de um rosa gritante,  
poemas cavалares, históricos,  
mais quadrinhas que redondilhos.

pra me amar e ter inteira, riso largo,  
a face serena sem expressões franzidas ou teatrais,  
é preciso drama, camarada:

os olhos a me caminhar, venerar, buscar;  
fazer exigências, oferecer um lenço azul, um título ktke;

há que me torcer o esternoclidomastóideo;  
morrer de amor, porre, guerrilha e poesia.





59

nina rizzi

## **modinha pra trompete em si bemol**

à hora do banho  
cartola me derrama  
como quando corto cebolas





60

tambores para n'zinga

## **bachiana em dois movimentos pra villa-lobos**

já volto, vou me inexistir.

no peito, aquela coisa de moer cana.





61

nina rizzi

## **pedrita numa nota**

adoro quando ela, afogada, acorda pra me ler.





tambores para n'zinga

## rhapsodie pour cécilien

shakespeare company, musèe d'orsay;  
o sena, os rasos e bulevares.  
a torre seguindo a cortar os horizontes, verticais e o arco.

como não ficar triste?  
no quartier latin há uma menina parecida comigo.  
um aceno, au revoir.

da minha varanda os lugares são mais longes quando belos.  
quando minha voz cheira outonos, venta.





63

nina rizzi

## **fantasia pra jací e cussaruim**

penedo parece mesmo bem bonita. penso nos alpes austríacos. te penso e penso em comprar uma bicicleta.

quando você voltar, te busco, te toco com esse dedo de teclar telefones e riscar estalactites.

te moro com as unhas cravadas, com os dentes quebrados e a gengivite que terei de te desassanhar, de quebrar o queixo de calcinha na janela, rasgar o fêmur pra te correr e te sorrir.

eu te desinverno. te rio, te nuvem, te lua, te verão.





tambores para n'zinga

## **balada pra lavínia não chorar**

entoei antigos versos,  
manipulei mágicas ervas,  
inventei cantigas de ninar.

chorei.

cantarolei esta balada quase triste  
- de tão simples -  
pra que ela tenha os pés aquecidos  
e possa passar tranquila  
estes dias tão quentes.





nina rizzi

## **cantiga quase-impossível**

pra menino cansado e cinzento ser eterno  
assopro nos olhos, esquerdos, pra não doer

ternura pras tuas leituras e sentires os mais simples  
um canto de uirapuru, dormir

pra menino louco e verão descansar, me ver  
basta me olhar umas noites, inteira  
até meu cheiro de aurora selvagem findar crepúsculo  
minha voz de outono ser ruínas

- há em mim um charmariz de antiguidades

ruínas  
e meu corpo ser só  
duna





66

tambores para n'zinga

## **pastoral em manhã chuvosa**

é primavera e as frutas adormecem sobre meu corpo  
porisso eu te escrevo com os pés e pinto com a boca:

minhas mãos buscam a justiça de tocar outonos  
te respirar sem dar as mãos.





67

nina rizzi

## **pastoral em noite de bafo quente**

o mundo se me oferecia, foi há tanto tempo. eu mais mulher  
nos idílios gloriosos. bailarina bêbada pelos arco-íris  
que cheiram as florezinhas laranjas. tão infantil, eu em correria  
nossa santa teresinha das ruínas.

ah, como eu chorei não estar o rio e sua vileza.





68

tambores para n'zinga

## **outra cantiga de cego**

desabotoa minha gola, dizia, amor.  
um resumo da pedagogia de nossa língua.





69

nina rizzi

## happening

as canções que fizemos  
são ternas, atrevidas,  
porém mais, são as não olvidas.





70

tambores para n'zinga

## **noturno**

depois, como não findasse o cio,  
dava pena sentir tanto amor.





71

nina rizzi

## **noturno da rua capitu**

é suficiente eu lhe dar uma outra, ideia,  
pra me ir ao chão.

basta eu sangrar, ler um ou dois poemas,  
pra ficar mais funda a solidão.





72

tambores para n'zinga

## **noturno da rua da glória**

há centenas de esquinas esperando  
prontas pra ouvir - te amo.

mas ele, não mais, nunca mais  
me diz - puta.





73

nina rizzi

## **ária pra contralto em mi bemol**

o fogo que me escorre do lábio, senhor?

a tua mão.

a que me tira o boldo e o gengibre.





## samba de mesa pra folclorista

sobre a ponte metálica, de madeira, dos ingleses,  
eu chorei teu nome, mentira.  
não era a espada, corajosa, mas os beijos, larva desgraçada.

eu ardi.

sua figura que me atravessou a noite lenta  
carvão sobre minha faculdade mais nobre.

triste é ter tempo gasto no vago, pra tanto mais, suas misérias,  
que a luta de classes.

ninguém chega a ser dois nessas andanças.





75

nina rizzi

## **rondé, noturno, galope**

pra ele, fiz uma escala indevida, viagem na rua vaga.  
de presente, me vesti de salto 15, lingerie  
a mais encarnada; aquele laço negro de manchar o pescoço.  
do que gosta, àquela maquilagem matrioska.

eu sinto com a naturalidade do que não é artificial a precisão  
d'outra  
olhava àquela moça que dizia esquecida, coitada  
- esse calo também me aperta.

e a noite corria, eu madrugada, garganta, unhas.  
quedei assim, olhos nos olhos, outro, braço de quem me nota  
por mais, bem mais e bis que 15 notas.





76

tambores para n'zinga

## **improviso pra separação**

ao vermelho que te brotou dos olhos  
a doçura da minha língua.





77

nina rizzi

## **primeira cantata pra depois do nunca mais**

tenho acordado em lágrimas, a pele desfiando  
como se tivesse perdido alguém que nunca tive.

venho a me transbordar porquê nada existe.

porisso há tanto  
- ser triste.





78

tambores para n'zinga

## **outra cantata pra depois do nunca mais**

como poderia esquecer?

caixa de ressonância acústica, vibro:  
suas palavras andam de bicicleta por meus ecos e umbigo.





79

nina rizzi

## **cantata pra tanto banzo**

afinada em sol, vou tocar gaita co'as nuvens  
que espargiram da tua vaga.

que é pra ver se seguro esse descansilho  
às agudas horas que não me lembra.





80

tambores para n'zinga

## barcarola

é preciso me afogar de você  
como se fosse morrer.





nina rizzi

## barcarola-goiabada

a gente escorregava pela casa e eu não ouvia  
que a rotina era uma parede  
descascada. o meu benzinho parecia existir  
aqui. não em mim, além  
os talheres e o armário de cozinha e a mesa  
com cadeiras e essas coisas,  
essas coisas que a gente não teve. às vezes  
a gente parecia feliz ou embriagados. dizia frontal

- vem cá, mulher.

parecia bom quando o meu benzinho gostava  
os meus cabelos brancos e apagava  
a luz e os lábios na hora de dormir.





tambores para n'zinga

## barcarola pra anti-homem

depois que virei nome de avenida em new orleans  
varei madrugadas a tentar renascer pra trás, estrela do mar.

mas não deu. ouvi  
“todos têm medo de nina rizzi”.

logo, pós-tudo, puro despeito ou rebeldia  
vou matar esses meus olhos-buendía.





83

nina rizzi

## barcarola em dó bemol

doído é  
descalçar as nuvens.





## **a barcarola mais triste**

anaís deu um pulo na espreguiçadeira  
não foi um daqueles seus saltos certos:

em seu desequilíbrio, cravou as unhas em minhas coxas  
rasgando a carne, escorrendo até meus pés.

depois, deu um triplo-mortal metafísico pela janela.  
e não é verdade que os gatos sempre caem de pé.

ela desapareceu. e eu continuo sangrando.





85

nina rizzi

## **barcarola-pontanegrense**

vim ao mundo como os sargaços  
- sem destino. e se me afogo,  
é pra me aproximar de zila.





86

tambores para n'zinga

## **tocatta**

deixo meus olhos caírem  
sobre a ramagem que o vento secou  
e eles se molham





87

nina rizzi

## fuga

minha voz, quando te diz, quanto te canta:  
“te amo como se ama uma passarinho morto”  
sabe?

a gente quer pegar na palma na mão, levar ao rosto  
afagar e chorar  
- voa, voa, passarinho morto.





tambores para n'zinga

## fuga pra maiakóvski

o alicate revela o ar cansado, hostil  
o estéril bem-me-quer das margaridas.

extraio um a um meus dentes vencidos  
assim, como quem recolhe folhas dum dia d'abril.

não sou grande, homem, poeta  
entretudos, espero sempre voltar a mim.





nina rizzi

## **adágio, larghetto**

se em noite de lua cheia chegasse a ser uma  
não me chamava lobo, escorria o sangue como queria  
- mais espesso e vermelho, verdadeiro.

quisera menos que os dois pés, mais que o nome  
quimera e sol, uma palavra que não decifrasse  
o engasgo dissoluto, inexistir enfim, em absoluto.





90

tambores para n'zinga

## **suíte pra cravo em lá maior**

à nossa margem, rastilhos de uma lua negra;  
um ribeirão destroçado em seu viço.

fim de feira, rebelião.

fere, consola?

- ali, é um lugar que não conhecemos.





91

nina rizzi

## **solo pra lira e mini-violino turco**

um dia não eram mais vermelhas minhas unhas.

nem ele, nem ela.

só um gosto malamaiado, doce  
das coisas primitivas.





92

tambores para n'zinga

## **pra o fim da melodia, orquestras reais**

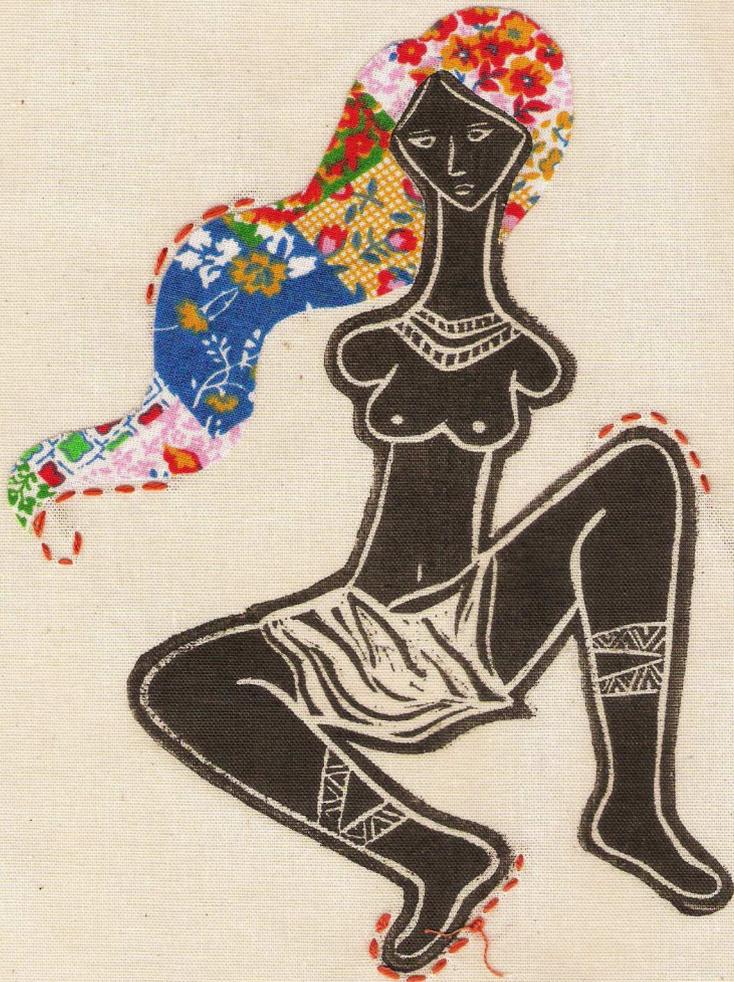
lilás são os meus dentes e lábios e pernas e unhas.

minados. olhos.

o meu exército, william, é de violetas.







***quases***





nina rizzi

## **auto-tempestade nº 1**

tenho duas mãos, e o infinito escorrendo delas.  
se de um lado peço abrigo, d'outro arranho invectivas  
me deixo, lanço, largo.

em cada um dos olhos, claridade e escuridão. o óbvio.  
e o que ninguém pode ver.

abissal névoa, navalha





98

tambores para n'zinga

## **auto-tempestade nº 2**

todo sangue estancado. a ferida, caída casca.  
tudo esquecido, fado, riso.

não fosse o menino na calçada, de mãos estendidas  
a me lembrar de mim.





nina rizzi

## a noite, invisível

estirada no chão frio, fico a contemplar  
a cadeira de balanço em seu vai-e-vem infantil.

a solidão de fora não é maior que a de dentro.

quantas crianças assim adormecem  
a esperar os pais, as mães, virem da lida?

a velha, olhos lacrimejantes, revira caçambas.  
os passantes, nem lhe vem, nem um vão.

o lixo sim: brinquedo, comida.

quantos corpos ao imenso, ao vazio  
pra o findar da guerra?





tambores para n'zinga

## da casa dos mortos

tinha neve em stalingrado. tinha neve.  
as ruas tingidas de vermelho, sangue  
bolchevique a dissolver a neve branca.

tinha medo, tinha elite em stalingrado.  
perseguições, julgamentos forjados.  
soviets confessando o incompetido:  
carne fraca de torturas.  
tinham mulheres proibidas de mudar o hemisfério.

o povo, mal-alimentado, sufocado  
pela poeira e o ar viciado.  
gente a dormir em chão molhado, água negra  
atormentados pelos vermes em stalingrado.

nevava e, dizem, mais de meio milhão.  
mas não havia o sujeito do censo pra contar os mortos.  
dentre eles, meu velho léon, você. você exilado.  
eu avisei, se morresse: te matava.  
não parecia razoável?

nevava.

ateus, nos veremos em rosário.  
aí sim: paz, terra e pão.





nina rizzi

## desnotícias

então era assim a grande guerra.  
a blitzkrieg não declarada me persistia  
por todos os fados de esperânsia;  
as colaboracionistas perdiam os cabelos  
outras poucas, malenas, bustos, muros.

em rastros de bombas se viam quadrinhos  
cinemas, propagandas, ideologias tantas.

que haviam de me meter mais medo ou vingar  
se levaram meu velho do exílio?

então era assim, eu não morria,  
minguava.





tambores para n'zinga

## **é impossível dormir com um silêncio desses**

sou pastinina desde que nasci  
e há pedaços em mim por todos os lados.

há cacos de mim chovendo em is  
rael: gritavam eles. e era um nome. uma criança.

eu era um mapa recortado pelo ismo.  
ismo, doente.

dos fados e brados queremos-nos juntar  
os puzzles, os filhos, a chuva de mim, deles.

mais mares que ilhas.





nina rizzi

## **a saliva, o suspiro**

houve tempo em que só havia por destilado os caninos.  
mascava os beiços até o nariz de francis bacon, o pintor não o  
filósofo, e a orelha de van gogh.

radiação, loucura, a verdade mais pungente, impossível.

de repente, nos pertos do dia, o mundo se me ofereceu pela  
cúpula da ópera de paris  
- verdi, bizet, stravinski e aqueles todos, a companheira morta de  
chagall.

eu sempre preferi os destilados.





104

tambores para n'zinga

## tese xiii

minhas moedas de 0,50 cents  
a ponta da esferográfica de 0,60 centavos  
minhas fitas proletkult e os discos de schostakhovich, sem preço  
foram envenenados pelo mal tempo.

mas a podridão, o lixo, os escatológico e eu  
a história não corrompeu. secou.





nina rizzi

## tese xv

enfio um a um dos dedos nos dez  
mil anos de história, gracejo.

não guardo a perícia no trato com moscas e murisókas  
carapanã-pinima, sou um espanto.

como quem prepara o melhor vinho calabrês  
pisoteio, levanto a saia, giro espelhos, vos vomito.

que não sou eu, mas a indiferença  
o peso morto da história.





106

tambores para n'zinga

## à beira da baía

às margens do sena, no dezenove de junho  
violinistas tocam estrelas pelos meus olvidos.

às margens do potengi, todos os dias, meninos de rua  
me assoviam. à zero hora, putas me tocam também.





nina rizzi

## estação

quando varei a amar uma mulher  
ela lembrou do homem que fala  
de todos os homens antropófagos.

matéria delicada e bruta, me amam.  
mas se adoram a carne em transe, cospem os lábios livres  
me acusam, abjetam, renegam

por que eu sou mulher.

eu quase chorei, quase.  
e não aconteceu nenhum milagre.

mas eu ainda estou por vir.





108

tambores para n'zinga

## **una scatola di sette o cinquanta sterline**

ela me pede pra lhe dizer uma coisa bonita.

tento lembrar que não resta bondade  
além das impolutas flores

- amarelas.

ecoam em seus pedidos latidos de cãs  
um ato de contrição.





nina rizzi

## segundo elogio para catherine day

fumaça, rodas, aço.

- há cidades trespassando meus rins,  
o chão frio, nuvens escuras, pelos.

deito minha pele como o asfalto. Inerte, quente.  
de cima uns pés me sobrevoam, primeiro os olhos, depois os  
dentes.

sun day, moon day.

but it's not every day:  
than one day.

- tenho todas as cidades pra tirar da tua carne,  
enquanto restituo o lábio, a esfinge.





110

tambores para n'zinga

## **rhythm and poetry ou bethoveeniana**

o sofá, a sacada, o colchão imundo jogado no chão  
e tudo quase-tão escuro.





111

nina rizzi

## **dialo(n)go com o gato**

: arranjar algum dinheiro.

rasgar os contratos.

... escrever a carta.

não enviar.

colocar a máscara.

cuspir.

re-re-retirar a máscara.

enviar?

jogar aquela estúpida escadaria abaixo.

trazer coisas boas pra o coração.



## tambores para n'zinga

: comprar uma carteira de habilitação.  
engatar direto a terceira.  
afogar. acelerar.  
habilitar. habituar.  
pusilânime. não.  
voltar à primeira.  
ir aos correios.  
invectivas. silêncios.  
da próxima pedir logo 3 mil euros.  
viajar. engatar a quinta.  
breçar. ar. ar. ar.  
nunca mais jamais o não.  
sonhar. mensagem  
(oito letras feito 'aquele' dobramento moderno)  
fazer um chá. inalar.  
ventos. suores. abafamentos.  
tragar o fumo d'angola.  
armar a rede.  
escarrar.  
não sentir saudades.  
fazer estudos pra o desapego.



nina rizzi

dizer adeus.  
fazer um som  
diamba.  
reler a carta. juntar baudelaire. me enfiar no envelope.  
zarpar.  
escrever sobre as vanguardas latinoamericanas.  
quilombo só de minas. pretas e minas nêgas.

acordar. olhar a criança. dependências. interdependências.

reler o contrato.  
rasgar a carta.  
ser taxada, vilipendiada. acossada.  
baixar os olhos.  
não ganhar uns euros.  
não ser habilitada.  
tirar o pé da embreagem.  
me jogar escadaria abaixo.  
viver pra morrer saudável.  
enlouquecer.

: enquadrada. igual. estúpida.





114

tambores para n'zinga

## titãzinho

eu gosto do afogamento.

de olhos bem abertos, lá no fundo  
sentir a força das ondas  
que vêm e encaldam, maremoto.

eu tenho medo, claro:  
de nunca mais querer voltar  
e voltar.





115

nina rizzi

## **descalça**

*pra tom jones*

não é a terra:  
andam estrangeiros  
meus pés.





tambores para n'zinga

## das renascenças

quando tinha doze anos e tiraram a terra  
só falava a bala, vestígios de luzes.

doze anos e a linguagem da peia.

silêncio.

se ainda estivesse a dormir, ouviria:  
- credere, accettare, obbedire.

mas não. há um Alegria Contagiante capaz  
de viajar ancestralidades, ocupar, resistir, produzir:  
a terra, o sonho, um amor camarada.





117

nina rizzi

## **constatação**

de constelações e pantomimas pálidas encardi minha palavra.  
e silêncio.





118

tambores para n'zinga

## epitáfio

aqui

jazz

mim



## s o b r e a a u t o r a

**Nina Rizzi** (1983), paulista de Campinas, já morou em cidades de MG, RJ, SP e Chile, vive atualmente em Fortaleza/ CE. Formada em Artes Dramáticas Pela EAD/ USP e em História pela UNESP/ Franca, faz pós-graduação em Arte-educação, coordena o Centro de Artes 7 Setembro. Participa de saraus, festivais de arte, eventos literários e palestra sobre poesia, literatura, gênero e artes, e é engajada em movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) e o Movimento Arrastão.

Tem textos, contos e poemas publicados em diversas antologias, suplementos literários e nas revistas *VacaTussa* (Recife/ Pe), *La Papa Ruchada* (Argentina), *Nova Águia* (Portugal) e em várias páginas da internet, entre elas, a *Revista Germãna Literatura*, *Garganta da Serpente*, *Zunai Revista de poesia & debates* e *Portal Cronópios*. Foi publicada nas edições 2010 e 2011 do *Livro da Tribo* e na edição de fevereiro/ 2011 da *Agenda do Centro Cultural São Paulo*. Tem textos, poemas e posfácio em *Maria Clara: UniVersos femininos* (LivroPronto, 2010); Faz parte das *Escritoras Suicidas e de Dedo de moça* - uma antologia das escritoras suicidas (São Paulo: Terracota Editora, 2009). Edita os blogue *Ellenismos Diálogos com a Arte* [ellenismos.blogspot.com], e seus textos literários no *quandos*, [ninaarizzi.blogspot.com]. Escreve no *Substantivo Plural* [substantivoplural.com.br] e no *Putas Resolutas* [putasresolutas.blogspot.com]. Endereço eletrônico: ninarizzi@gmail.com

---

Este livro foi composto em ITC Slimbach pela  
Editora Multifoco e impresso em papel offset 75 g/m<sup>2</sup>.

---